

QUADRO DA UNESCO ABORDA OBRA DO FANAL

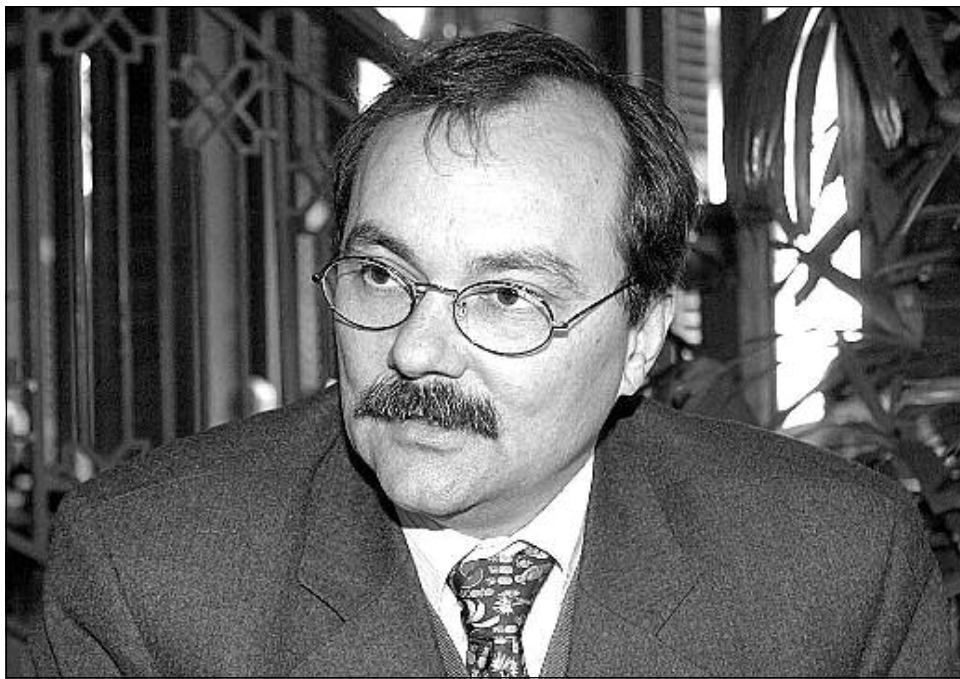
Asfaltagem da estrada não prejudica Laurissilva

- «Asfaltar uma estrada que já existe não põe em perigo a Laurissilva». Esta é a opinião de um alto quadro da UNESCO sobre a polémica em torno do Fanal. Miguel Clüsener-Godt, da Divisão das Ciências Ecológicas, esteve no local e considera que a obra da polémica não vai destruir a floresta classificada.

Um alto quadro da UNESCO considera que a asfaltagem da estrada do Fanal, que tanta polémica tem suscitado, não põe em causa a Floresta Laurissilva, nem afecta o valor de Património Mundial.

Miguel Clüsener-Godt, membro da Divisão das Ciências Ecológicas da UNESCO, em visita de trabalho à Região, foi anteontem à zona em questão e em declarações ao DIÁRIO é peremptório: «Asfaltar uma estrada que já existe não põe em perigo a Laurissilva. O simples facto de se asfaltar uma estrada não leva à extinção da floresta. É claro que quando se faz uma obra num sítio há sempre um impacto. Isso é normal. Contudo, neste caso, não há impacto, no sentido destrutivo da floresta».

Como biólogo entende que a asfaltagem da estrada não impede a penetração da água no solo, já que esse processo se faz pelas bermas. Mais, julga que importa ter presente aspectos morfológicos próprios de um ecossistema



Miguel Godt julga que a Região reúne condições para ter uma Reserva da Biosfera.

insular, como por exemplo, a erosão que, na sua óptica, será travada com a asfaltagem da estrada. De resto, considera que é necessário contextualizar, não falar de uma só coisa, quando se aborda a protecção da natureza que, como é óbvio, não depende só de uma estrada.

Apesar de conhecer

parte do "dossier", ressalva que esta não é a matéria que o trouxe à Madeira. Mesmo assim deixa claro que as queixas dos ambientalistas são normais. «É gente que gosta da sua terra e quer protegê-la. Penso que é gente que está de boa-fé», opina, embora saliente que nas polémicas ecológicas

«o caminho a percorrer é bem mais importante do que o fim».

Com base na experiência adquirida nos países em que houve uma aposta nas relações equilibradas entre a Humanidade e a Natureza, Miguel Clüsener-Godt conta que os processos de criação de ferramentas de conservação

da natureza, caso das reservas ou dos parques, têm algo em comum: «Normalmente, é a primeira vez que todas as pessoas envolvidas se juntam e muita gente, da conservação ao desenvolvimento, é a primeira vez que se fala». Neste cenário, é normal que surjam conflitos. Aliás, na sua óptica «os conflitos surgem quando há ignorância» e muitos deles deixam de existir «quando as pessoas falam, pelo menos uma vez» e percebem que há protecção de interesses comuns, possibilidade de acordos e de compensações, enfim, que todos ganham.

«Quando se discute, os problemas desaparecem por si mesmos», testemunha. Aliás, julga que ninguém quer destruir o meio ambiente: «Apenas, uns querem utilizá-lo de uma maneira diferente da de outros».

Madeira pode ter Reserva da Biosfera

Miguel Clüsener-Godt integra a divisão científica que é responsável pelo programa "O Homem e a Biosfera". Esta iniciativa tem como objectivo a harmonização dos aspectos

relativos à conservação da natureza com o desenvolvimento sustentado e como prioridade o bem estar do ser humano. Ou seja, «a primeira intenção é a de incluir o ser humano em actividades de conservação e de desenvolvimento sustentado que é algo bem diferente de um sistema ultrapassado que falava numa conservação da natureza que excluía o ser humano», refere o quadro da UNESCO.

Este projecto integra uma rede mundial, actualmente com 409 Reservas da Biosfera, pertencentes a 94 países, áreas de ecossistema terrestres e costeiros internacionalmente reconhecidos. Para que a designação "Reservas da Biosfera" seja concedida, cada país deve propor zonas do seu território que satisfaçam um determinado conjunto de critérios e condições.

Em Portugal, há para já uma reserva, a do Paul do Boquilobo. Mas pode haver mais, sobretudo, na Madeira. Basta que haja vontade das entidades e forças vivas da Região. «Penso que na Madeira, que é uma ilha encantadora, há um grande potencial para ter uma Reserva da Biosfera mas isso depende das vontades locais e da definição de qual o sítio a candidatar, como, quando e que tamanho deve ter», refere Miguel Clüsener-Godt. O DIÁRIO sabe que é intenção do Governo Regional manifestar essa pretensão. Não é por acaso que a Região integra a rede BIOS desde Janeiro passado.

RICARDO MIGUEL OLIVEIRA
rmoliveira@dnnoticias.pt

CONSIDERA HISTORIADOR

Língua portuguesa «deixada ao acaso»

A história do açúcar volta a estar em foco em mais um seminário promovido pelo Centro de Estudos de História do Atlântico (CHEA), desta vez dedicado às "Rotas e Mercados".

O encontro, de que decorre até ao dia 19 no auditório Casa Museu Frederico de Freitas – embora hoje e quinta-feira as sessões sejam realizadas fora do Funchal –, reúne vários especialistas nacionais e estrangeiros, entre eles o sobrinho de José António Gonçalves de Mello, recentemente falecido e homenageado ontem pelos historiadores, e Fernando de Mello Freire, filho do ilustre sociólogo brasileiro Gilberto Freire.

Depois da "História e Tecnologia" do açúcar, em 2000, é agora a vez de as atenções se virarem para a expansão deste produto pelo Mundo.



O CEHA promove um seminário sobre a rota do açúcar.

«A Madeira foi praticamente o laboratório onde se ensaiaram os produtos mediterrânicos e europeus para depois transmiti-los aos outros continentes». Rece-

beu também «influências dos novos mundos» que eram igualmente passadas para a Europa, salientou José Pereira da Costa, presidente do CEHA.

Uma característica que teve um papel importante na própria Língua: «Muito se enriqueceu com esses contactos com outros povos, em que nós fomos os

pioneiros ao levar a civilização ocidental aos novos mundos». Daí a vasta expansão da Língua Portuguesa, referiu, acrescentando que ainda hoje algumas palavras podem ser ouvidas em zonas piscatórias da Índia e noutros pontos do Mundo, por onde passaram os portugueses.

O grande drama – prosseguiu – é que, enquanto os outros países procuram, através de institutos, manter e ensinar nessas regiões distantes o testemunho linguístico que sobrevive desde o tempo das colónias, «nós os portugueses quase que deixamos ao acaso e, sobretudo, aos naturais» a responsabilidade da preservação da Língua lusa.

«Temos muitos institutos em Lisboa e não temos acção no terreno nesses lugares, onde ela era fundamental, mesmo até no Brasil», disse. Relativamente ao programa do seminário, hoje será realizada uma sessão especial em Santa Cruz, estando também prevista uma deslocação à Companhia de Engenhos do Norte, no Porto da Cruz.

SÍLVIA ORNELAS
sornelas@dnnoticias.pt

Deixe-me ir rezar

«Eu gostava de saber se tenho tempo para dar Acção de Graças da minha missa?». Foi desta forma que o DIÁRIO foi recebido pelo cônego João Duarte Rodrigues Pita de Andrade. Instado a referir as conclusões da Assembleia-Geral da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, que ontem decorreu sob a sua presidência, o cônego Pita como é mais conhecido, limitou-se a pedir, num tom de tranquilidade exasperante, que o deixassem ir rezar. Textualmente, e perante a estupefacção de uma situação inusitada, o pároco disse que «eu acabei de celebrar agora, vim a correr porque pensei que era para assistir a um doente e isso tem prioridade sobre tudo... o resto não tem prioridade. Portanto deixe-me ficar a rezar». O cônego ainda perguntou «pode ser?». Perante o pedido, ficamos sem saber as conclusões da Assembleia-Geral.

PEDRO FILIPE COSTA